

# Capitalismo e esquizofrenia: cartografias políticas

## *Capitalism and Schizophrenia: political cartographies*

**Carlos Augusto Peixoto Júnior**

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo esboçar uma cartografia política a respeito de algumas relações do capitalismo com a esquizofrenia, promovendo uma articulação sintética entre os âmbitos social e psicológico. Em termos mais restritos, busca-se pensar a atualidade de algumas teses formuladas por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, procurando avaliar suas consequências no que se refere às relações entre poder e resistência no mundo contemporâneo. Nestas condições, discutimos o alcance de certos conceitos próprios à micropolítica defendida pelos autores, tais como os de território, multiplicidade, devir e segmentaridade, enquanto instrumentos que possibilitam desterritorializações que abrem caminho para a criação de novos espaços de liberdade.

### Palavras-chave

Capitalismo; política; cartografia.

### Abstract

*This article aims to outline a political cartography about some relations of capitalism with schizophrenia, promoting a synthetic articulation between the social and the psychological realms. In a more restricted search, we try to think about the present of some theses formulated by Deleuze and Guattari in *A thousand plateaus*, seeking to evaluate its consequences with regard to the relations between power and resistance in the contemporary world. Under these conditions, we discuss the scope of certain concepts appropriate to the micropolitics defended by the authors, such as territory, multiplicity, becoming and segmentarity, as instruments that make possible some deterritorializations that pave the way for the creation of new spaces of liberty.*

### Keywords

*Capitalism; politics; cartography*

**Carlos Augusto Peixoto Júnior**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

Psicanalista, Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

[cpeixotojr@terra.com.br](mailto:cpeixotojr@terra.com.br)

## Capitalismo e esquizofrenia: cartografias políticas

As breves digressões que trago aqui, a propósito das relações entre psicologia e política, versam sobre a possibilidade de traçar uma cartografia política a respeito de algumas relações do capitalismo com a esquizofrenia, buscando uma articulação sintética entre o âmbito social e a psicologia. Em termos mais específicos, elas têm como objetivo pensar a atualidade de algumas teses formuladas por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, buscando também avaliar suas consequências no que se refere às relações entre poder e resistência na contemporaneidade. Neste contexto, me proponho a discutir o alcance de certos conceitos próprios à micropolítica defendida pelos autores, tais como os de território, multiplicidade, devir e segmentaridade, enquanto instrumentos que possibilitam certas desterritorializações, as quais abrem caminho para a criação de novos espaços de liberdade.

De acordo com Manola Antonioli (2003), filósofa italiana radicada em Paris, *Mil platôs* é uma obra que, já no seu título, jamais separa o espaço do pensamento da questão dos territórios e das territorializações. Trata-se, no caso, de pensar as fronteiras, as reterritorializações e desterritorializações que têm lugar através dos encontros, e que se distribuem segundo linhas múltiplas que questionam os limites dos conceitos filosóficos. *Mil platôs* seria portanto um exercício de geografia física, política, estética e filosófica.

Para começar, vale lembrar que o termo platô possui vários sentidos, dentre os quais se destacam os de suporte liso e extensão plana, mas também os de roda dentada e peça circular sobre a qual se apóia um disco de embreagem. Do ponto de vista filosófico, o que importaria destacar é que um platô não é jamais uma unidade, mas constitui desde sempre uma multiplicidade. O platô não é sequer o objeto do livro de Deleuze e Guattari, mas, fundamentalmente, a sua lei imanente de composição. Como dizem os filósofos franceses, “num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação e segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 9-10). Em termos mais restritos, um platô é uma multiplicidade que pode ser conectada com outras multiplicidades para formar ou construir um rizoma; e *Mil platôs* é escrito justamente como um rizoma composto de platôs.

Em um platô ou rizoma não há estrutura profunda nem genealogia linear, mas apenas processos de variação, expansão, conquista e captura. Sua superfície compreende linhas múltiplas, linhas de fuga ou de segmentaridade, estratos e fluxos moleculares, os quais nunca podem ser compreendidos quando remetidos a uma unidade e uma lei transcendentais, ou articulados a raízes profundas que poderiam gerar ramos e folhas de acordo com uma dinâmica interna de reprodução. A singularidade dos platôs é composta de matérias não formadas, intensidades e partículas caóticas, fluxos moleculares que estão perpetuamente submetidos a processos de fixação e sedimentação que dão uma forma aos estratos. Ainda segundo Deleuze e Guattari, há sempre coexistência entre multiplicidades flexíveis ou moleculares e segmentaridades mais duras, organizadas segundo uma ordem transcendente e exterior aos principais devires (animal, criança ou mulher), os quais sempre comportam dimensões moleculares, elementares e imperceptíveis.

Conforme também podemos depreender das principais teses formuladas pelos autores, um devir não é nem uma correspondência de relações, nem diz respeito a uma semelhança ou imitação. O princípio próprio aos devires é a ideia bergsoniana de uma coexistência entre durações diferentes, ainda que sempre comunicantes. Não há sujeito ou termo de chegada para um devir, porque ele é sempre tomado em outro

devir que constitui um bloco com o primeiro. Portanto, como foi dito antes, um devir é sempre questão de multiplicidades que não cessam de se transformar umas nas outras, compostas por termos heterogêneos e simbióticos. Em suas passagens e transformações, não há uma ordem lógica e predeterminada, mas critérios imanentes que orientam os encontros e as metamorfoses. As multiplicidades se estendem sobre um mesmo plano “onde as bordas se sucedem traçando uma linha quebrada” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 307), plano de imanência ou de consistência, superfície de coexistência das multiplicidades. Esse plano é composto de uma infinidade de partículas ligadas por uma infinidade de agenciamentos e composições de relação, em uma univocidade que se opõe a qualquer analogia que pudesse repartir sobre um território pré-estabelecido as diversas velocidades e elementos que o constituem. Explicitamente inspirados em Espinosa, Deleuze e Guattari afirmam que cada ser, sobre essa superfície infinita, é composto de uma infinidade de agenciamentos e partes, cujas relações não param de ser modificadas pelo fora, pelos encontros que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir.

Feitas essas primeiras observações conceituais, adentremos agora o tema que nos interessa destacar em *Mil platôs*, qual seja, a atualidade de algumas de suas teses no que se refere a questões relacionadas ao poder e à política. Para isso, dentre as diversas portas de entrada oferecidas pela obra dos dois pensadores franceses, escolho aqui o platô de número nove, intitulado “Micropolítica e segmentaridade”, o qual, ao que me parece, traça uma topologia do poder que deve muito às análises de Michel Foucault, principalmente, mas também a algumas hipóteses formuladas por Paul Virilio, as quais discutirei de forma detalhada mais adiante. Nesse plano do livro, Deleuze e Guattari partem da seguinte hipótese: “somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 254).

Considerando essa premissa, nosso vivido seria segmentarizado espacial e socialmente em todas as nossas atividades: habitar, circular, trabalhar ou brincar. Essa segmentação generalizada procede de acordo com diferentes dimensões emaranhadas. Primeiramente, uma segmentação binária que se estrutura segundo grandes oposições duais, dentre as quais poderíamos destacar aquelas entre proletários e burgueses, homens e mulheres, adultos e crianças. Em segundo lugar, uma segmentação circular que implica na construção de círculos cada vez mais vastos, tais como o meu eu, minha casa, meu bairro, meu país, ou até outros países, a qual sempre parte do mais próximo para o mais longínquo. A propósito dessa segunda forma de segmentação, abro aqui um pequeno parêntese antes de passar aos comentários sobre a sua terceira dimensão.

Na letra “G” de seu abecedário ([www.oestrangeiro.net](http://www.oestrangeiro.net)), comentando o vocábulo “gauche”, “esquerda” em francês, Deleuze dá uma definição do “ser de esquerda”, justamente a partir da inversão daquela segmentação circular, partindo agora do mais longínquo para o mais próximo. Segundo o filósofo francês, ser de esquerda não significa pertencer a um partido, trabalhar pela Revolução ou defender abstratos direitos humanos. Ser de esquerda é, antes de tudo, uma “questão de percepção”: perceber a princípio o contorno, o circuito, partir do mundo para chegar ao continente, à rua, perceber inicialmente o horizonte e saber ainda que, por exemplo, a situação na qual se vive nos países ricos “não pode durar” e que ela só será resolvida por “novos agenciamentos mundiais”, por soluções locais para problemas locais: a política, neste contexto, também é uma questão de territórios, de percepção e de agenciamentos, de jurisprudência de casos singulares e concretos, mais que de justiça abstrata ou direitos do homem.

Nestes termos, Deleuze parece apontar na direção de um movimento complementar, de um avesso indissociável dos fenômenos do capitalismo planetário que caracterizam a globalização atual: ao invés de opor a eles o

retorno ilusório e perigoso do local (o bairro, a cidade, a região ou a nação), seria preciso reconhecer nossa entrada irreversível em uma era planetária, reconhecer a impossibilidade de reestabelecer identidades locais que estariam supostamente protegidas dos fluxos mundiais do capital, inscrevendo a ação e a reflexão política nesses novos horizontes e na sua complexidade própria. Esta seria feita de movimentos de homogeneização, mas também de novas heterogeneizações, ou seja, de dinamismos coexistentes de territorialização e desterritorialização. Ao invés de perceber apenas as ameaças e perigos desses fenômenos – tal como também parecem pensar na atualidade autores como Antonio Negri e Michael Hardt, em obras como *Império* (2000) e *Multidão* (2004) –, trata-se fundamentalmente de trabalhar para desenvolver neles as virtualidades ainda não exploradas.

Voltando agora à terceira forma de segmentação evocada no nono platô, nota-se que ela diz respeito a uma segmentação temporal ou linear, que ignora a multiplicidade e a complexidade dos devires imperceptíveis para privilegiar a visibilidade e a linearidade das etapas da nossa história pessoal, que vai da família à escola, ao trabalho e assim sucessivamente. Do ponto de vista de Antonioli, aqui a linha não tem a flexibilidade e a fluidez das linhas de fuga, mas se mostra despedaçada e fixada em segmentos sucessivos que ignoram a complexidade e a pluralidade das dimensões do tempo para construir a ficção (social e politicamente útil) de uma história individual perfeitamente coerente e organizada (ANTONIOLI, 2003, p. 103).

À oposição entre segmentário e centralizado, Deleuze e Guattari preferem distinguir entre dois tipos de segmentaridade, uma “primitiva” e “flexível”, a outra “moderna” e “dura”, distinção que recorta todas as segmentações mencionadas há pouco (binárias, lineares e circulares). Nestas condições pode-se notar que existem duas segmentaridades ao mesmo tempo, uma molar ou dura e outra molecular ou flexível, as quais não têm a mesma natureza, mas que coexistem sempre e não cessam de passar uma pela outra: “em suma”, dizem os nossos autores, “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica ou micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 260); questão de distribuições ou de escalas que atravessam todos os campos e domínios da existência. Na percepção ou no sentimento, a organização molar e a segmentaridade dura das percepções e dos sentimentos repertoriados (tais como amor, ódio ou cólera) nunca impede a existência de uma dimensão microscópica feita de microperceptos e afetos inconscientes, segmentações finas que escapam a toda formação macroscópica e a qualquer classificação rígida. Os grandes conjuntos binários dos sexos e das classes também remetem a múltiplas combinações moleculares. No primeiro caso, temos o jogo entre n pequenos sexos e mil devires humanos ou animais; no segundo, massas de ordem molecular, irreduzíveis a segmentaridade molar de classe. Na esteira desse último argumento, me parece que Negri e Hardt formularam o conceito de “multidão” exatamente para definir dinâmicas coletivas bastante próximas destas que Deleuze e Guattari ainda atribuem às massas. O principal mérito do termo “multidão” seria o de evidenciar com maior clareza o caráter “singular/plural” daquilo que se trata de pensar nesta dimensão que inclui a micropolítica num mundo globalizado.

Ainda assim, diante das grandes oposições possíveis, seria necessário não se deter em dicotomias aparentes, evitando alguns erros. Um primeiro erro, relativo aos valores morais, consistiria em dizer que a segmentaridade flexível é sempre “melhor” que a dura, ou que o molecular é sempre melhor que o molar; que os fluxos são preferíveis aos estratos, o rizoma a árvore, a desterritorialização à territorialização, o nômade ao sedentário. As segmentações finas do poder – tais como os microfascismos que tornam possível um macrofascismo de Estado – podem ser tão ou mais perigosas que qualquer outra estratégia empregada por ele em sua pretensão de dominação. Outro erro, neste caso, psicológico, consistiria em acreditar que

o microscópico ou molecular seria apenas da ordem da imaginação ou do individual, dado que, ao contrário, ele é tão real e coletivo quanto o molar. Na verdade, essas duas formas não se distinguem somente no âmbito de suas dimensões: molecular e molar são coextensivos a todo o campo social, ainda que o primeiro opere no detalhe e por pequenos grupos. As duas linhas não cessam de se relançar e se recortar, e sua diferença qualitativa jamais as separa de modo absoluto. Quando a organização molar é mais forte, ela suscita por si própria uma molecularização de seus elementos. “Quando a máquina se torna planetária ou cósmica”, dizem os autores, “os agenciamentos têm uma tendência cada vez maior a se miniaturizar e a tornar-se microagenciamentos” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 263). Por exemplo, a administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma micro-gestão de pequenos medos, numa espécie de micro-política da insegurança. Esse caso mostra-se particularmente evidente em nossos dias, diante da proliferação dos discursos políticos e jornalísticos em torno do tema da insegurança, que certamente têm a função de legitimar formas de repressão policial cada vez mais acentuadas (ANTONIOLI, 2003).

No entanto, já em 1976, no seu trabalho sobre *A insegurança do território*, Paul Virilio se inquietava com as formas de tele-vigilância que começavam a se multiplicar nas grandes cidades a partir dos Estados Unidos. Virilio deduzia ali que a vigilância televisual tornava a presença da polícia não mais ocasional, mas permanente, de tal modo que o sistema podia preceder e prevenir os atos do conjunto social. Segundo ele, “abandona-se a ideia de uma repressão exercida pontualmente por agentes mais fortes ou mais numerosos em proveito de um estado de opressão, de uma violência imanente aos lugares” (VIRILIO, 1976, p. 20). Arquiteto e urbanista de formação, o autor considerava que o ideal de transparência que animava todas as construções de vidro criadas pela arquitetura contemporânea não seria estranho a esse desejo de desvelamento securitário dos espaços interiores, insistindo sobre uma tendência generalizada à inversão progressiva na função dos meios de comunicação de massa: criados para facilitar a troca e a intercomunicação, eles se tornavam gradativamente ferramentas de vigilância e de tele-vigilância, as quais instauram um sistema de suspeita generalizada e uma tendência à “delação em massa”. Quanto a isso, não posso deixar de lembrar dos nossos *reality-shows* atuais, baseados no princípio de exclusão de candidatos por “denúncia” dos outros participantes ou do público, os quais, paradoxalmente, fazem um enorme sucesso, provavelmente porque parecem refletir o modo de funcionamento que caracteriza cada vez mais as escolas, as empresas e a sociedade em geral.

Mas, ao mesmo tempo em que a organização molar se capilariza e acaba cobrindo todo o campo social e privado, os movimentos moleculares que agitam a sociedade não param de trabalhar aqueles conjuntos molares estatais ou interestatais, políticos ou financeiros e comerciais, “como se uma linha de fuga, mesmo que começando por um minúsculo riacho, sempre corresse entre os segmentos, escapando de sua centralização, furtando-se à sua totalização” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 263). Nestes termos, parece que os centros de poder se definem pelo que lhes escapa ou por sua impotência. Bem mais do que por sua zona de potência, é como se o capitalismo só conseguisse caminhar na medida em que se desarranja. Traçando um mapa dos devires históricos e sociais implicados nesse processo, Deleuze e Guattari detectaram três tipos de linhas: uma linha flexível, feita de códigos e territorialidades entrelaçadas, onde o espaço social se compõe por territórios, linhagens e alianças (segmentaridade flexível própria às sociedades ditas primitivas); uma linha dura que procede a uma sobrecodificação generalizada a qual implica um aparelho de Estado; e linhas de fuga ou máquinas de guerra que se definem por decodificação e desterritorialização. Em *Mil platôs* bem mais do que no *Anti-édipo*, nossos

autores insistem em ressaltar a coexistência dessas três dimensões, segundo combinações e hierarquias variáveis de acordo com os espaços histórico e social. As relações entre populações sedentárias e nômades através da história constituiriam um exemplo evidente dessa complexidade de devires (ANTONIOLI, 2003).

Consequentemente, como tão bem mostraram Foucault (1994 [1977]) na filosofia e Kafka (2005) na literatura, a análise do poder não deve se limitar aos segmentos duros constituídos por seus centros visíveis (Estado, exército, igreja ou escola), porque qualquer centro de poder visível não passa de um lugar onde entram em ressonância todos os tipos de micropoderes, de devires imperceptíveis, onde o poder só existe em estado difuso, disperso, não multiplicado ou miniaturizado. Se todo poder tem uma micro-textura na qual se afrontam linhas de força opostas, torna-se possível explicar os fenômenos de “servidão voluntária” onde o oprimido ocupa um lugar ativo no sistema de opressão do qual é vítima.

Considerando o que foi dito até aqui e a guisa de conclusão, me parece evidente que não podemos nos limitar apenas a identificar sistemas de opressão (política, social ou econômica) e oprimidos que neles seriam vítimas, como dois conjuntos molares bem delimitados. Nessas condições a tarefa de qualquer análise política, econômica ou social é bem mais complicada. Ela consiste – sobretudo diante da complexidade do mapa geopolítico ou geoeconômico do mundo atual – em estudar as linhas de força, isolar os focos de opressão e as linhas de fuga que deles escapam, para seguir os devires de uma multiplicidade de linhas ou dimensões entremeadas, duras ou flexíveis, microscópicas ou macroscópicas. É isto porque qualquer poder possui regiões de potência por ele controladas – campo de indiscernibilidade constituído por micropoderes e fluxos –, assim como zonas de impotência feitas de fluxos que ele não pode controlar ou determinar, as quais viabilizam movimentos de resistência e o traçado de linhas de fuga. É nesse espaço que talvez ainda seja possível identificar alguns traços dos novos devires minoritários que resistem e que poderiam operar mutações de subjetividade. Pois, como dizia Deleuze em seu breve post-scriptum sobre as sociedades de controle, diante das novas configurações do poder global planetário “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (DELEUZE, 1990, p. 242).

## Sobre o artigo

**Recebido:** 04/05/2012

**Aceito:** 17/05/2012

## Referências bibliográficas

ANTONIOLI, M. **Géophilosophie de Deleuze et Guattari**. Paris : L'Harmattan, 2003.

DELEUZE, G. O Abecedário. Disponível em: <[www.oestrangeiro.net](http://www.oestrangeiro.net)>. Acesso em: jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Pourparlers**. Paris : Éditions de Minuit, 1990.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Mille Plateaux : capitalisme et schizophrénie**. Paris : Éditions de Minuit, 1980.

FOUCAULT, M. Pouvoirs et stratégies [1977]. In : \_\_\_\_\_. **Dits et écrits III**. Paris : Gallimard, 1994, p. 418-428

KAFKA, F. **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **Multitude: war and democracy in the age of empire**. New York: The Penguin Press, 2004.

VIRILIO, P. **L'insécurité du territoire**. Paris : Galilée, 1976.